

**XVI CONGRESSO DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA DE  
VOLTA REDONDA 2025**  
ESPORTE PARA TODA A VIDA



## **Gênero e educação física escolar: a visão de alunas universitárias**

Alice Romão Coelho<sup>1</sup>; 0009-0009-1657-8572

Vivyan Lys de Laffitte Alves Pereira Arruda Dias<sup>1</sup>; 0009-0003-9705-5197

Oscar Campos Gonçalo<sup>1</sup>; 0009-0002-1492-5605

Luana Carvalho Costa Silva <sup>1</sup>; 0009-0006-4462-6445

Crystian dos Santos Souza <sup>1</sup>; 0009-0009-6721-092X

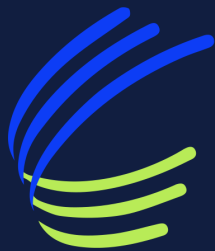
Cláudio Delunardo Severino<sup>1</sup>; 0000-0002-7026-3477

*1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.  
[claudiodelunardo@gmail.com](mailto:claudiodelunardo@gmail.com) (contato principal)*

### **Resumo:**

O presente estudo teve como objetivo investigar as percepções de alunas do curso de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA sobre a questão de gênero no ambiente escolar, com ênfase na participação das meninas nas aulas de Educação Física. Por meio da aplicação de um questionário estruturado com dez questões fechadas, buscou-se compreender de que maneira estereótipos de gênero se manifestam nas práticas pedagógicas e afetam a vivência das alunas nesse componente curricular. Participaram da pesquisa 17 discentes regularmente matriculadas nos cursos de licenciatura, bacharelado e área básica de ingresso. Os resultados indicaram a presença de incentivo desigual por parte dos docentes, direcionamento de atividades a depender do gênero, desconforto em interações com colegas e episódios de exclusão e constrangimento. As participantes demonstraram rejeição à separação de turmas por gênero e sugeriram medidas para tornar as aulas mais equitativas. Conclui-se que as práticas pedagógicas da Educação Física ainda refletem desigualdades de gênero, reforçando a necessidade de uma atuação docente crítica, inclusiva e comprometida com a superação desses estereótipos.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação Física. Meninas. Igualdade.



## **INTRODUÇÃO**

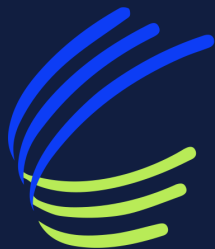
No contexto das aulas de Educação Física escolar, a segregação entre meninas e meninos ainda se sustenta no discurso de que as estudantes representam um padrão de inferioridade esportiva (Severino; Gonçalves; Darido, 2014). Segundo os autores, as distinções de gênero não se limitam aos espaços sociais e físicos, mas também se manifestam nas próprias dinâmicas das aulas.

Oliveira, Jaeger e Roth (2019) destacam que instâncias como a escola, a família, os círculos de amizade, a religião, a mídia e a internet atuam na (re)produção contínua dos estereótipos de gênero. Diante disso, torna-se relevante focar nas aulas de Educação Física e suas possíveis relações com esses estereótipos. Esse ambiente escolar evidencia, muitas vezes de forma hierárquica, as diferenças entre os gêneros, com base tanto nas aptidões físicas socialmente valorizadas quanto nas características construídas culturalmente. Nesse cenário, meninas são vistas como frágeis e meninos como fortes, reforçando padrões considerados “normais” para cada gênero (Augusto, 2018).

Diante dessas observações, surge a questão: qual a visão das alunas de Educação Física sobre gênero na escola e a participação feminina nas aulas?

O presente estudo tem como objetivo investigar a questão de gênero no ambiente escolar, com ênfase na participação das meninas nas aulas de Educação Física, a partir da percepção de alunas do Curso de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. A relevância da pesquisa está na possibilidade de reunir informações que contribuam para a reflexão de docentes e acadêmicos sobre a prática pedagógica, especialmente no que se refere à vivência das meninas nesse contexto.

Ao abordar as percepções e experiências das futuras profissionais da área, busca-se compreender os desafios enfrentados pelas alunas no cotidiano escolar, com o intuito de promover uma Educação Física mais inclusiva e equitativa. O estudo procura evidenciar as barreiras que dificultam a participação feminina nas aulas e destacar a importância de se construir um espaço educacional que respeite e valorize as diferenças de gênero.



## **MÉTODOS**

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário com questões fechadas, destinado a captar as percepções das participantes sobre o tema. Essa metodologia foi escolhida pela praticidade, economia de tempo e possibilidade de atingir um número maior de respondentes. Silva e colaboradores (2007) ressaltam que, embora esse instrumento limite a profundidade das respostas, ele possibilita uma análise quantitativa mais ampla e representativa da população estudada.

Participaram da pesquisa apenas as discentes que atenderam aos requisitos éticos, conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, sob o Parecer Consubstanciado nº 7.625.606 e o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 88577525.2.0000.5237.

Este estudo descritivo caracteriza-se como uma pesquisa de levantamento, focada na coleta de dados sobre as características, opiniões e comportamentos dos sujeitos em relação ao tema. Para tanto, utilizou-se um questionário estruturado com 10 questões fechadas, alinhadas ao objetivo central da pesquisa.

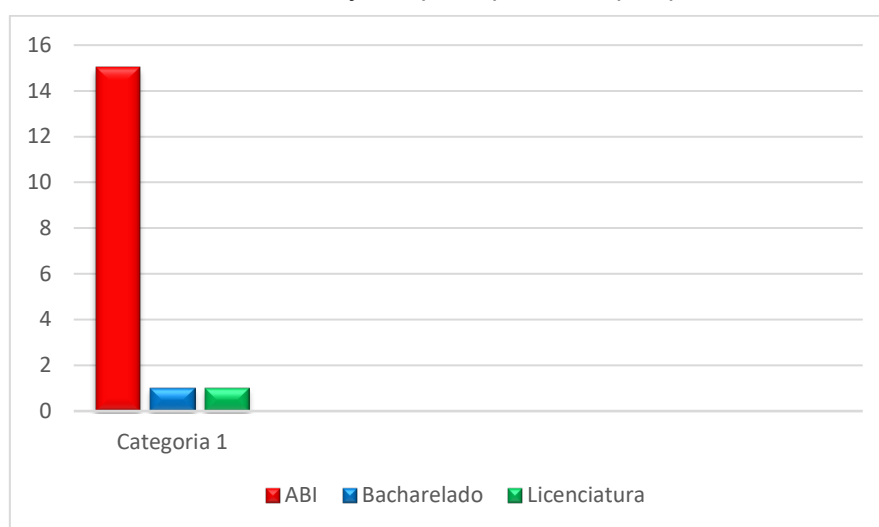
A elaboração do instrumento baseou-se em uma revisão bibliográfica criteriosa, que orientou a definição dos conteúdos e assegurou a validade das questões. O desenvolvimento do questionário seguiu as etapas: levantamento teórico com foco em estudos recentes; seleção dos tópicos relevantes; redação clara e objetiva das perguntas, adequadas ao perfil das participantes; e aplicação garantindo anonimato e sigilo das informações.

### **Participantes**

A pesquisa contou com a participação de 17 alunas (n=17), regularmente matriculadas nos cursos de Educação Física – Área Básica de Ingresso (ABI), bacharelado e licenciatura do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. Dentre as participantes, 15 estavam matriculadas na ABI, uma no curso de bacharelado e uma na licenciatura (Gráfico 1). A faixa etária variou entre 18 e 36 anos.

Os critérios de inclusão foram: estar regularmente matriculada nos cursos mencionados, concordar em participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Gráfico 1 – Sujeitos participantes da pesquisa

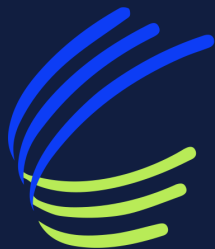


Fonte: Os autores

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questões relacionadas ao corpo, gênero e sexualidade são evidentes no ambiente escolar, refletindo dinâmicas sociais e culturais que ultrapassam as aulas formais, manifestando-se também em espaços informais, como recreios e conversas entre alunos (Prado; Ribeiro, 2010). Nesses momentos circulam dúvidas, estereótipos e representações sociais sobre corpo e gênero, que podem tanto segregar quanto promover formas de resistência.

Nas aulas de Educação Física, o gênero é uma categoria plural que possibilita múltiplas vivências de masculinidades e feminilidades, rompendo com padrões binários (Oliveira; Jaeger; Roth, 2019). Em contrapartida, estereótipos tendem a reduzir essas vivências a modelos rígidos, limitando a expressão das identidades e reforçando papéis sociais pré-estabelecidos. A atuação docente frequentemente ignora essa complexidade, reproduzindo discursos normativos sobre comportamentos corporais (Prado; Ribeiro, 2010).



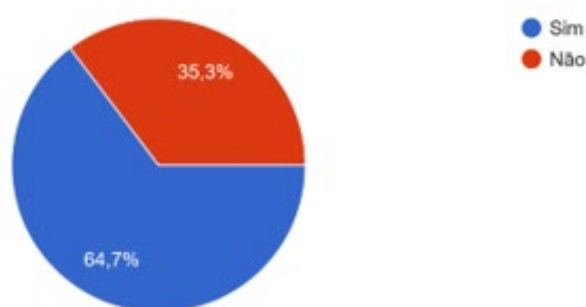
Para entender essas desigualdades, é fundamental discutir o conceito de gênero, entendido como construção social baseada em papéis diferenciados para homens e mulheres (Sousa; Altmann, 1999). Enquanto o “sexo” é uma classificação biológica, o “gênero” é influenciado por normas culturais (Goellner, 2010). Binarismos como masculino/feminino e dominante/dominado criam e perpetuam desigualdades (Oliveira, 2008; Hahn; Strücker, 2020; Couto; Dittrich, 2017; Silva et al., 2008). Lessa (2005) destaca que gênero rompe com a ideia de diferenças naturais e imutáveis, tratando-se de significações sociais atribuídas às diferenças corporais (Couto; Dittrich, 2017).

Compreender a Educação Física como espaço educativo implica reconhecer que o corpo comunica valores e disputas simbólicas. Reafirmar a participação das meninas é reconhecer seu direito à expressão e ao pertencimento (Rigo, 2022). Rosa et al. (2020) alertam que práticas pedagógicas devem evitar a reprodução de preconceitos de gênero, mas docentes, muitas vezes, acabam reforçando atitudes discriminatórias, como a aceitação de comentários que inferiorizam meninas, o que contribui para a generificação das práticas e afasta as alunas da vivência plena da disciplina.

### **A pesquisa**

Os dados relacionados à evidência das atividades propostas nas aulas de Educação Física no ambiente escolar serem associadas mais a meninas ou meninos são apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Atividades associadas aos meninos ou meninas



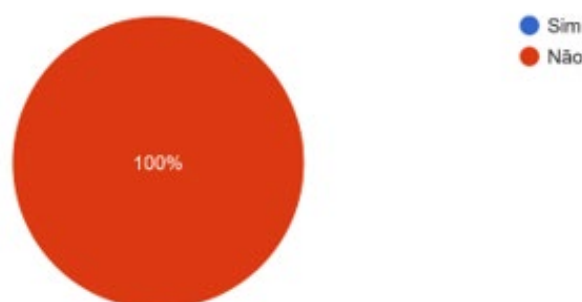
Fonte: Os autores

Observou-se que 11 participantes (64,7% da amostra) perceberam que os conteúdos e atividades das aulas de Educação Física são direcionados predominantemente a meninas ou meninos. Esse padrão reforça a centralidade de modalidades tradicionalmente associadas ao universo masculino, como futebol, basquetebol e lutas, em detrimento de práticas vistas como “menos viris”. Brito e Santos (2013) afirmam que a Educação Física escolar contribui para a construção das identidades masculinas, atribuindo aos meninos valores como vigor físico, força e desempenho atlético, consolidando o esporte como parte essencial do “ser homem”.

Essa lógica impõe uma pressão simbólica que marginaliza meninos que não se identificam com o modelo dominante de masculinidade e torna as aulas pouco acolhedoras para meninas e estudantes fora desse padrão, gerando exclusão e hierarquização de gênero. Esses dados corroboram críticas teóricas sobre o papel da Educação Física na manutenção de estereótipos de gênero, especialmente na valorização de práticas que priorizam atributos masculinos (Brito; Santos, 2013).

O Gráfico 3 mostra que todas as alunas entrevistadas são contrárias à separação das aulas por gênero, resultado que dialoga com a pesquisa de Dias (2020), na qual 91% dos participantes preferem aulas mistas.

Gráfico 3 – Aulas de Educação Física separadas por gênero



Fonte: Os autores

Os dados obtidos na pesquisa evidenciam uma percepção unânime entre as participantes quanto à organização das aulas de Educação Física. Todas as inquiridas se posicionaram

contrariamente à separação das turmas por gênero, compreendendo que essa divisão não contribui para a formação integral dos estudantes. Para elas, as aulas mistas favorecem a interação, promovem o respeito às diferenças e contribuem para a construção de um ambiente mais inclusivo e igualitário.

É fundamental reconhecer que a separação entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física reforça o binarismo sexista ainda presente em nossa sociedade. Tal divisão dificulta o surgimento e a problematização das questões de gênero no ambiente escolar, pois, sem a convivência e o enfrentamento de conflitos entre os sexos, não se geram situações que exijam reflexão ou solução. Com isso, as dinâmicas de gênero deixam de ser percebidas como parte do contexto social e educacional.

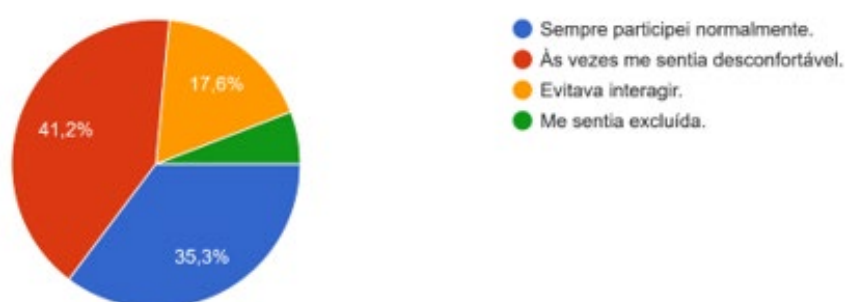
Contudo, é importante diferenciar aulas mistas do conceito de coeducação. Enquanto as aulas mistas referem-se apenas à presença conjunta de meninas e meninos no mesmo espaço, limitando-se a uma questão organizacional, a coeducação propõe uma abordagem crítica das relações de gênero. Seu objetivo é promover a compreensão das construções culturais que sustentam desigualdades entre o feminino e o masculino, buscando superar as hierarquias historicamente impostas (Dias, 2020).

A oposição à separação por gênero revela a valorização de práticas pedagógicas que consideram as especificidades individuais sem transformar as diferenças em limitações. Ao defenderem aulas conjuntas, as participantes expressam o desejo por uma Educação Física que acolha todos os corpos, habilidades e identidades, incentivando a cooperação, a empatia e o enfrentamento de estereótipos ainda presentes no contexto escolar.

Quando questionadas sobre a interação com os meninos durante as aulas, 7 participantes (41,2%) relataram sentir desconforto em algumas situações, 6 (35,3%) afirmaram participar normalmente, 3 (17,6%) evitavam interagir e 1 (5,9%) se sentia excluída — conforme apresentado no Gráfico 4. Esses dados demonstram como os processos de diferenciação cultural, conforme analisado por Prado e Ribeiro (2010), influenciam diretamente as normas,

valores e expectativas atribuídas aos corpos e comportamentos de meninas e meninos no espaço escolar.

Gráfico 4 – Interação com os meninos durante as aulas de Educação Física



Fonte: Os autores

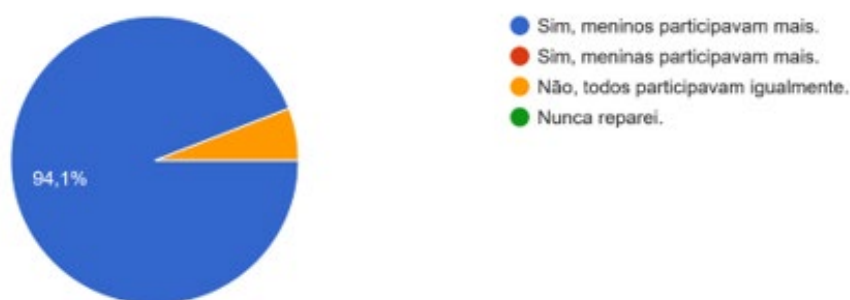
Na prática, observa-se que muitas meninas tendem a limitar sua participação para se adequarem aos padrões de comportamento socialmente esperados. Essa realidade dialoga com a análise de Brito e Santos (2013), que destacam como a diferença de desempenho motor nas aulas mistas frequentemente resulta na exclusão das meninas, dificultando sua permanência e participação ativa nas atividades.

Diante desse cenário, Rosa et al. (2020) defendem a importância de se adotar uma proposta pedagógica centrada na valorização do sujeito em sua relação com a cultura do movimento, superando os preconceitos ligados às questões de gênero. A ideia central é construir um ambiente de aprendizagem que favoreça a inclusão, promova o respeito às diferenças e evite a reprodução de práticas excludentes.

Ainda segundo os autores, a desigualdade histórica na participação das mulheres no esporte — seja no lazer, na educação ou no alto rendimento — evidencia que os estereótipos e preconceitos de gênero seguem atuando como barreiras. Quando essas barreiras provocam sofrimento ou exclusão, especialmente ao estarem vinculadas à identidade de gênero, configuram-se como uma forma de violência simbólica e estrutural: a violência de gênero.

Quanto à percepção sobre a participação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física, os resultados apontaram que 16 participantes (94,1%) consideravam os meninos mais atuantes nas atividades propostas, enquanto apenas 1 (5,9%) acreditava que todos participavam de forma igualitária (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Participação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física

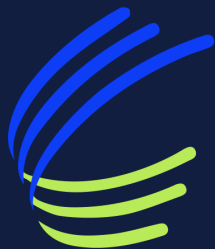


Fonte: Os autores

Esses resultados evidenciam uma desigualdade percebida que vai além da mera presença física nas aulas. Diferentemente de outras disciplinas, a Educação Física requer, além do envolvimento intelectual, uma participação corporal significativa. Nesse contexto, o corpo torna-se visível — seja pela atuação intensa ou pela ausência notória.

Segundo Jacó e Altmann (2017), não participar das atividades não significa apenas estar fora da quadra, sentado à margem; pode também representar ocupar uma posição periférica mesmo estando presente. Isso nos leva a refletir que a não participação envolve formas silenciosas de exclusão e invisibilidade, frequentemente vivenciadas pelas meninas.

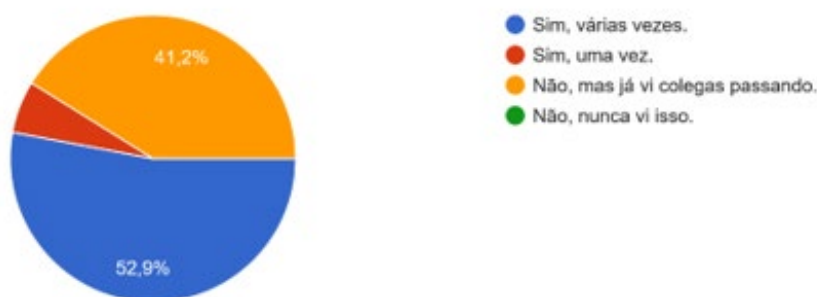
Para que a inclusão seja efetiva, é necessário reconhecer que meninos e meninas atribuem sentidos diferentes às aulas de Educação Física, sentidos estes moldados por mecanismos sociais que influenciam desde cedo seus comportamentos, atitudes e percepção de pertencimento. A educação diferenciada conforme o gênero inscreve no corpo aprendizagens sobre o que é ser menina ou menino, impactando diretamente sua forma de estar, agir e participar nas aulas. Assim, os baixos índices de percepção de igualdade na



participação não devem ser vistos como desinteresse pontual, mas como reflexo de um processo social mais amplo que marginaliza muitas meninas nas práticas corporais escolares (Jacó; Altmann, 2017).

Os dados apresentados no Gráfico 6 revelam a persistência de situações preconceituosas e constrangedoras nas aulas de Educação Física, indicando um problema estrutural que ultrapassa experiências individuais. Quando questionadas sobre vivências relacionadas a esse tipo de situação, 9 participantes (52,9%) relataram já ter passado por episódios de preconceito ou constrangimento em diversas ocasiões, enquanto 7 (41,2%) afirmaram ter presenciado essas atitudes em relação a colegas. Apenas uma participante mencionou ter vivido essa experiência uma única vez, o que demonstra a recorrência desses episódios no cotidiano escolar. Um dado especialmente alarmante é que nenhum estudante respondeu nunca ter visto situações desse tipo acontecerem, o que reforça a ideia de que todos, em maior ou menor grau, têm contato com essas vivências dentro do espaço escolar.

Gráfico 6 – Situações preconceituosas ou constrangedoras nas aulas de Educação Física



Fonte: Os autores

Os dados analisados expõem uma realidade preocupante nas aulas de Educação Física, marcada por situações de constrangimento, preconceito e exclusão. Comentários depreciativos, julgamentos relacionados ao corpo, à habilidade motora, ao gênero ou à cultura, bem como exclusões em atividades e avaliações, tornam-se experiências recorrentes que revelam falhas estruturais nesse componente curricular. Esses episódios

muitas vezes são naturalizados no cotidiano escolar, o que reforça a necessidade de uma análise crítica das práticas pedagógicas adotadas.

A presença dessas manifestações discriminatórias está frequentemente associada à chamada mentalidade esportiva, caracterizada pela ênfase excessiva na competição, no desempenho e na comparação entre os estudantes. Essa lógica valoriza apenas determinados corpos e habilidades, marginalizando aqueles que não se encaixam em padrões historicamente estabelecidos, especialmente meninas e alunos com menor aptidão física. Brito e Santos (2013) apontam que comportamentos agressivos e insultos, muitas vezes normalizados nas aulas de Educação Física, refletem exigências corporais alinhadas à masculinidade hegemônica. Meninas que não apresentam desempenho motor condizente com as expectativas sociais de força e vigor tornam-se alvo de uma dominação simbólica, expressa por meio de atitudes preconceituosas de colegas do sexo masculino.

Essa dinâmica revela um padrão que se insere em uma sociedade estruturalmente patriarcal, onde meninas e mulheres enfrentam, desde cedo, processos contínuos de opressão. Como argumenta Dias (2020), essa opressão perpassa os mais diversos espaços sociais — da família à escola — e é reforçada quando instituições educacionais deixam de problematizar ou coibir práticas discriminatórias, falhando em seu papel formador e emancipador.

Para compreender por que essas ações se repetem no ambiente escolar, é essencial considerar o conceito de *habitus*, formulado por Bourdieu (1999). O *habitus* corresponde a um conjunto de disposições incorporadas socialmente que influenciam as ações de maneira inconsciente. No campo da Educação Física, essas disposições se manifestam em atitudes e crenças que reforçam estereótipos de gênero, hierarquizam corpos e habilidades e comprometem a participação e o engajamento de muitos estudantes, sobretudo das meninas.

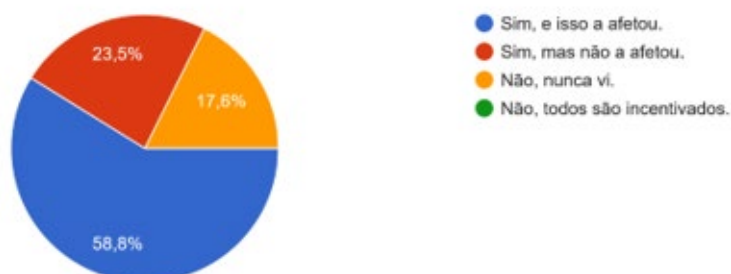
Diante disso, torna-se urgente repensar as práticas pedagógicas da Educação Física. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) estabelece que as abordagens educacionais

devem respeitar a diversidade, promover a inclusão e contribuir para a formação integral dos estudantes. Isso exige que a Educação Física vá além do desenvolvimento motor e assuma um papel ativo na construção de sujeitos críticos, conscientes e respeitosos.

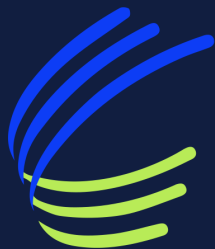
A transformação desse cenário depende do compromisso dos educadores e educadoras em criar ambientes de aprendizagem acolhedores, equitativos e democráticos. É preciso combater o preconceito, promover o respeito às diferenças e garantir que todas e todos — independentemente do gênero — tenham acesso pleno às vivências corporais, rompendo com práticas que silenciam e marginalizam. Apenas assim será possível consolidar uma Educação Física comprometida com a equidade de gênero e com a valorização da diversidade.

Sobre o desencorajamento de participar de alguma atividade vinculada às aulas de Educação Física, os dados indicam que 58,8% das participantes presenciaram meninas sendo intimidadas a participar das atividades, afetando de alguma forma as alunas envolvidas. Outras 4 (23,5%) observaram episódios semelhantes, embora sem perceber seus efeitos imediatos. Apenas 3 (17,6%) afirmaram nunca ter testemunhado tais situações, evidenciando a persistência de práticas discriminatórias, que podem ter origem na atuação docente (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Já presenciou alguma menina ser desencorajada de participar de uma atividade



Fonte: Os autores



A postura adotada pelos professores exerce influência direta no ambiente das aulas. Esses profissionais têm o poder de fomentar uma cultura crítica e reflexiva entre os alunos ou, por outro lado, perpetuar padrões excludentes por meio da omissão ou reprodução de estereótipos. Sua compreensão do mundo, formação acadêmica e valores pessoais impactam diretamente as escolhas pedagógicas, desde a seleção dos conteúdos até as estratégias de ensino. Como destaca Dias (2020), é papel fundamental do educador oferecer instrumentos para que os estudantes se apropriem do conhecimento, compreendam os desafios e busquem soluções.

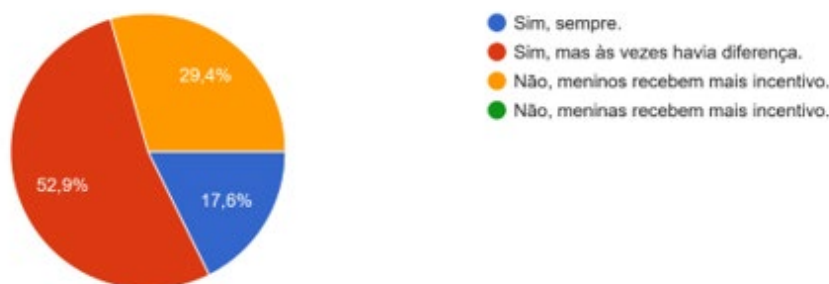
Na Educação Física escolar e nas atividades esportivas, cabe ao profissional atentar às manifestações de violência simbólica e desigualdades expressas nas interações entre os alunos. É essencial que o professor atue preventivamente, criando um ambiente inclusivo, onde ninguém seja privilegiado ou marginalizado com base em marcadores sociais como gênero, raça, etnia ou religião. A promoção de um espaço equitativo, que reconheça e valorize as diferenças sem reproduzir preconceitos, deve nortear a prática pedagógica (Rosa et al., 2020).

A presença das meninas na cultura corporal de movimento ainda enfrenta resistências e obstáculos, tanto no esporte educacional quanto no lazer ou alto rendimento. A exclusão histórica e os limites impostos à participação feminina evidenciam desigualdades persistentes. Quando o preconceito de gênero se manifesta em ações que silenciam, desencorajam ou desqualificam as meninas, caracteriza-se a violência de gênero, conforme Rosa et al. (2020).

Além disso, agressões verbais naturalizadas no cotidiano escolar reforçam ideais da masculinidade hegemônica. Insultos proferidos por meninos durante as aulas, especialmente contra meninas com desempenho físico considerado inferior, funcionam como formas de dominação simbólica, reiterando papéis sociais que privilegiam o masculino em detrimento do feminino (Brito; Santos, 2013). Tais comportamentos evidenciam a necessidade de uma atuação pedagógica crítica e consciente, comprometida com a equidade de gênero e a superação de práticas excludentes na Educação Física escolar.

O Gráfico 8 revela a percepção das estudantes sobre o incentivo recebido nas aulas, mostrando desigualdades de gênero no ambiente escolar: 9 (52,9%) acreditam que os meninos recebem maiores incentivos, indicando que metade das alunas percebe um tratamento desigual por parte dos professores, favorecendo os meninos. Outros 5 (29,4%) afirmaram que os professores incentivam igualmente, embora admitam que diferenças possam ocorrer, o que sugere que, mesmo com a intenção de igualdade, certos grupos acabam favorecidos, consciente ou inconscientemente. Apenas 3 (17,6%) declararam que o incentivo é sempre igual para meninos e meninas, evidenciando que a igualdade plena ainda não é realidade na maioria das turmas.

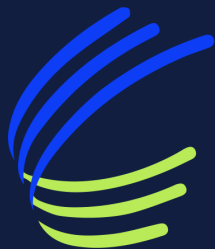
Gráfico 8 – Incentivo dos professores ou professoras aos meninos e meninas



Fonte: Os autores

Os dados revelam uma percepção significativa de desigualdade no incentivo durante as aulas de Educação Física, especialmente no que diz respeito ao tratamento diferenciado entre meninos e meninas. Essa realidade reforça a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel do professor no ambiente escolar. Conforme aponta Silva (2018), é fundamental que o docente contribua para que alunos e alunas compreendam seus sentimentos e relações dentro da cultura corporal de movimento, promovendo práticas que tenham significado em suas trajetórias.

No entanto, observa-se que, em muitas situações, diante de conflitos relacionados ao gênero — os quais frequentemente se manifestam por meio de comportamentos discriminatórios



por parte dos meninos — os professores acabam, mesmo que de forma involuntária, reforçando tais desigualdades. Isso ocorre, por exemplo, quando fazem comentários que colocam em dúvida a capacidade das meninas para realizar determinadas atividades, naturalizando a ideia de que elas possuem limitações baseadas em seu gênero.

Dessa forma, torna-se urgente que os profissionais da área repensem suas práticas pedagógicas, buscando desconstruir posturas e discursos que perpetuam estereótipos e favorecem apenas um grupo. Como ressaltam Rosa e colaboradores (2020, p. 107), cabe aos/às docentes incentivar de forma equitativa o direito de todos os alunos e alunas participarem das mesmas atividades, respeitando os limites e as singularidades de cada um, sem hierarquizar habilidades ou reforçar relações de domínio entre os gêneros. A valorização de uma abordagem inclusiva e crítica é essencial para transformar o espaço da Educação Física em um ambiente mais justo, acolhedor e igualitário.

Por fim, embora preocupante, não houve votos para a opção “meninas recebem mais incentivo”, o que reforça a percepção de que os meninos são mais reconhecidos nas práticas esportivas escolares, ligada ao estereótipo que associa esporte e atividade física à masculinidade. O incentivo desigual pode afetar diretamente o interesse das meninas nas aulas. Promover a igualdade na Educação Física não significa tratar todos exatamente da mesma forma, mas garantir que todos tenham as mesmas oportunidades de participação, reconhecimento e desenvolvimento.

O Gráfico 9 revela dados sobre a relação das estudantes com a Educação Física escolar: 11 alunas (64,7%) já deixaram de participar de alguma atividade por medo, sendo que 7 (41,2%) o fizeram várias vezes e 2 (11,8%) já presenciaram outras alunas enfrentando essa dificuldade, reconhecendo que o medo é uma realidade para muitas meninas dentro da sala de aula. Isso indica que um número significativo de alunas se ausenta durante as práticas por se sentirem inseguras, desconfortáveis e até julgadas, evidenciando um problema preocupante no ambiente escolar.

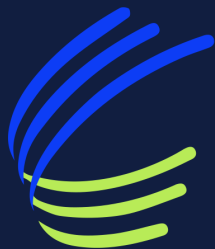


Gráfico 9 – Não participação das aulas devido ao medo

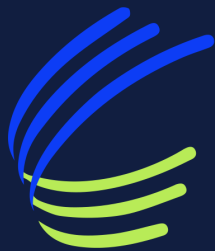


Fonte: Os autores

Outro dado importante é que apenas 4 (23,5%) das alunas não deixaram de participar das atividades. O medo, infelizmente, está presente na realidade de muitas meninas, podendo estar relacionado a fatores como baixa autoestima, falta de incentivo ou receio do julgamento. É essencial que a escola e os professores estejam atentos a essas questões, promovendo atividades mais inclusivas, acolhedoras e que valorizem as diferentes habilidades dos estudantes, aumentando o interesse das alunas pela prática.

Os dados revelam uma realidade preocupante: o medo é um sentimento constante entre muitas alunas durante as aulas de Educação Física. Mais da metade já deixou de participar de alguma atividade por insegurança, desconforto ou temor de serem julgadas. Isso evidencia que, embora compartilhem o mesmo espaço físico com os meninos, as meninas enfrentam barreiras simbólicas e emocionais que comprometem sua plena participação.

Essa situação reflete uma lógica de opressão presente nas relações sociais e reproduzida no ambiente escolar. Conforme Dias (2020), a sociedade contemporânea ainda sustenta diversas formas de opressão, muitas vezes naturalizadas, que impedem os sujeitos oprimidos de expressarem seus sentimentos, desenvolverem suas capacidades e ocuparem plenamente os espaços a que têm direito. A escola, como extensão da sociedade, carrega essas mesmas desigualdades de gênero, imposições comportamentais e padrões históricos que privilegiam a hegemonia masculina.



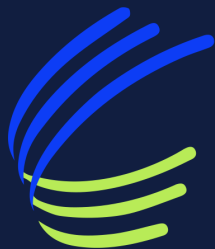
Nas aulas de Educação Física, essa opressão se manifesta na valorização de características associadas ao universo masculino — como força, resistência e competitividade — enquanto formas corporais mais sutis ou cooperativas são frequentemente desvalorizadas. Ribeiro, Narde e Costa (2021) apontam que essa desigualdade persiste mesmo em aulas mistas, pois a simples convivência no mesmo espaço não garante participação equitativa. Estruturas sociais e históricas continuam a restringir as meninas ao silêncio, ao medo e à exclusão simbólica.

Além disso, é fundamental compreender que o objetivo da Educação Física escolar não é formar atletas, mas cidadãos críticos, conscientes e autônomos. Ribeiro, Narde e Costa (2021) reforçam que todos os estudantes têm direito a experimentar a cultura corporal plenamente, sem que o gênero limite suas vivências, provoque medo ou os exponha a constrangimentos.

Diante desses dados, torna-se urgente que professores e instituições estejam atentos às desigualdades de gênero nas práticas pedagógicas, promovendo ambientes inclusivos, acolhedores e respeitosos, onde todas as formas de participação sejam valorizadas. Só assim será possível construir uma Educação Física verdadeiramente formativa, que respeite as singularidades dos estudantes e contribua para o desenvolvimento de sujeitos mais livres, empáticos e críticos.

No que se refere às práticas mais incentivadas nas aulas de Educação Física, os dados da pesquisa revelam percepções marcadas por distinções de gênero. A maioria das participantes (12 entrevistadas, equivalente a 70,6%) relatou que os professores e professoras tendiam a direcionar as modalidades esportivas coletivas — como futebol, basquete ou handebol — preferencialmente aos meninos. Em contrapartida, atividades tradicionalmente associadas ao corpo e à expressividade, como a ginástica e a dança, eram mais comumente propostas às meninas.

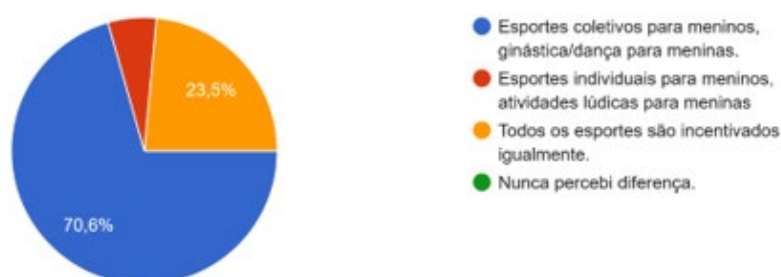
Por outro lado, um grupo menor, composto por 4 participantes (23,5%), afirmou não perceber diferenciações entre meninos e meninas no que diz respeito às atividades propostas em



aula, sugerindo a presença de práticas mais igualitárias em alguns contextos escolares. Já uma minoria (2 participantes, ou 5,9%) indicou uma outra forma de distinção: segundo essas respostas, os esportes individuais eram preferencialmente incentivados entre os meninos, enquanto as meninas eram direcionadas às atividades de caráter mais lúdico.

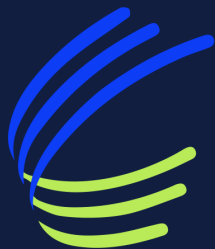
Esses dados, apresentados no Gráfico 10, evidenciam que, embora haja variações nas percepções, a divisão de atividades com base em estereótipos de gênero ainda se faz presente em boa parte das experiências relatadas.

Gráfico 10 – Atividades mais incentivadas para meninos e meninas



Fonte: Os autores

Esses dados indicam que as práticas propostas nas aulas de Educação Física ainda são fortemente atravessadas por construções sociais de gênero. A preferência por esportes coletivos direcionados majoritariamente aos meninos, bem como a atribuição de atividades expressivas, como dança e ginástica, às meninas, refletem um modelo educacional que perpetua estereótipos historicamente construídos. Segundo Augusto (2018), a educação tradicional tende a restringir as meninas a experiências corporais menos arriscadas, promovendo vivências ligadas ao imaginário infantil e ao cuidado com o lar, enquanto atividades consideradas perigosas ou desafiadoras são reservadas aos meninos. Esse padrão pode ser facilmente identificado em práticas escolares em que os espaços são divididos por gênero — como quando os meninos dominam a quadra com jogos de futebol e as meninas são alocadas em cantos menos visíveis para outras atividades.



A percepção de que os esportes, sobretudo os coletivos e de maior contato físico, funcionam como ritos de passagem para a construção da masculinidade é reforçada por Brito e Santos (2013). Os autores explicam que tais práticas contribuem para a incorporação de valores sociais associados à virilidade, força e competitividade — atributos culturalmente atribuídos aos homens. A Educação Física escolar, nesse cenário, passa a ser um dos meios de reprodução dessas identidades masculinas.

Além disso, Dias (2020) aponta que o incentivo ao futebol, desde a infância, é oferecido prioritariamente aos meninos, o que contribui para uma diferença significativa de desempenho e interesse entre os gêneros. O fato de meninas não receberem bolas de futebol como brinquedos nos primeiros anos de vida e não serem encorajadas a praticar esportes considerados "masculinos" reflete diretamente na falta de identificação e habilidade com essas modalidades. Do mesmo modo, há resistência por parte dos meninos em relação à dança, frequentemente tida como prática feminina, o que demonstra como os estigmas de gênero seguem fortemente enraizados no cotidiano escolar. Como observa Dias (2020), esses comportamentos são resultados de um legado cultural que definiu papéis distintos para homens e mulheres, atribuindo à figura masculina o poder e a dominação, enquanto às mulheres restou o espaço do cuidado e da submissão no âmbito privado.

Portanto, mesmo com alguns relatos que sugerem práticas mais equitativas, a maioria das experiências relatadas aponta para uma divisão das atividades escolares com base em padrões tradicionais e desigualdades de gênero, revelando a necessidade urgente de uma reflexão crítica por parte dos educadores sobre as escolhas pedagógicas nas aulas de Educação Física.

Por fim, foi solicitado às participantes que sugerissem maneiras de tornar as aulas de Educação Física mais igualitárias entre meninas e meninos. Em suas respostas, 9 participantes (52,9%) indicaram que o estímulo à realização de aulas mistas poderia ser uma estratégia eficaz. Outras 6 participantes (35,3%) propuseram a criação de regras que promovam a igualdade de participação entre os gêneros. Por fim, 2 participantes (11,8%)

defenderam que as próprias alunas e alunos deveriam ter voz ativa na definição de ações que contribuam para a construção de um ambiente mais equitativo nas aulas (Gráfico 11).

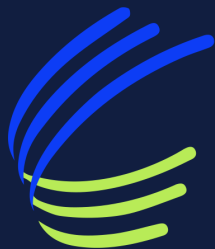
Gráfico 11 – Sugestões para aulas mais igualitárias



Fonte: Os autores

Os resultados obtidos revelam a percepção das alunas de que as aulas de Educação Física podem se tornar mais igualitárias por meio de práticas que favoreçam a convivência e a cooperação entre meninas e meninos. A sugestão mais frequente — o estímulo às aulas mistas — está em sintonia com a proposta de Prado e Ribeiro (2010), que defendem a importância de aproximar as discussões de gênero e sexualidade do cotidiano escolar, por meio da vivência de diferentes modalidades. Ao propor que todos os estudantes experimentem tanto práticas historicamente associadas ao universo feminino, como a dança e a ginástica rítmica, quanto aquelas tradicionalmente tidas como masculinas, como o futebol e as artes marciais, o professor ou professora possibilita uma vivência corporal compartilhada, capaz de desconstruir estereótipos de gênero.

Além disso, o fato de algumas participantes sugerirem a criação de regras voltadas para a equidade e a participação dos próprios alunos na definição de estratégias para combater a desigualdade demonstra a urgência de um ensino mais dialógico e sensível às realidades dos sujeitos. Nesse sentido, Augusto (2018) destaca que o planejamento docente deve incluir propostas que incentivem a escuta, o olhar atento e o respeito às diferenças, mostrando que meninos e meninas podem aprender juntos e colaborar na construção de uma sociedade menos desigual.



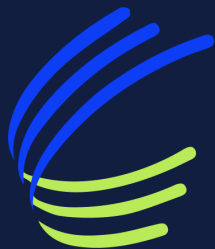
Nesse mesmo caminho, Dias (2020) argumenta que a escola tem potencial para resistir às lógicas opressoras que marcam nossa sociedade, especialmente quando adota práticas pedagógicas voltadas à emancipação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, sejam eles estudantes ou professores. Isso se articula à ideia de que os docentes de Educação Física, ao criarem aulas criativas e inclusivas, contribuem diretamente para o enfrentamento das desigualdades de gênero presentes no ambiente escolar e além dele (Zavatto Junior; Vasconcelos, 2022).

## **CONCLUSÕES**

Os dados analisados ao longo deste estudo evidenciam que a Educação Física escolar ainda reproduz desigualdades de gênero profundamente enraizadas na cultura escolar e social. A percepção das alunas entrevistadas aponta para práticas pedagógicas que, mesmo que muitas vezes de forma inconsciente, favorecem os meninos, marginalizando e desestimulando a participação das meninas nas atividades corporais. Estereótipos como a associação do esporte à masculinidade, o incentivo desigual e a valorização de determinados corpos e habilidades reforçam uma lógica excludente que compromete a vivência plena da disciplina por parte das estudantes do gênero feminino.

A pesquisa revelou que a simples organização mista das aulas não é suficiente para garantir a equidade de gênero. É necessário ir além da presença conjunta de meninos e meninas e investir em propostas pedagógicas que reconheçam, problematizem e enfrentem as desigualdades de forma crítica. Nesse sentido, destaca-se a importância da coeducação como um caminho possível e necessário, pois propõe a desconstrução dos padrões tradicionais de gênero por meio do diálogo, da reflexão e da vivência compartilhada de práticas corporais diversas.

Outro aspecto relevante diz respeito à atuação docente. O papel do professor ou professora de Educação Física é central na construção de ambientes mais inclusivos, democráticos e sensíveis às realidades dos sujeitos. A omissão diante de situações de exclusão,



constrangimento ou violência simbólica contribui para a manutenção de uma cultura escolar que silencia e oprime. Por outro lado, práticas pedagógicas pautadas na escuta, no respeito e na valorização das diferenças podem transformar significativamente a experiência das alunas nas aulas de Educação Física.

Ao reconhecer os desafios enfrentados pelas meninas e propor estratégias para superá-los, como a promoção de aulas mistas planejadas com intencionalidade pedagógica, o estímulo à participação equitativa e o fortalecimento do protagonismo estudantil, este estudo reafirma a necessidade de uma Educação Física comprometida com a justiça social e a equidade de gênero. É urgente que os espaços escolares deixem de reproduzir papéis sociais excludentes e passem a atuar como agentes de transformação, contribuindo para a formação de sujeitos mais livres, críticos e conscientes de seus direitos.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, P. S. **Relações de gênero na educação física escolar**. Brasília: Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - UniCEUB. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Curso de Educação Física – Bacharelado, 2018

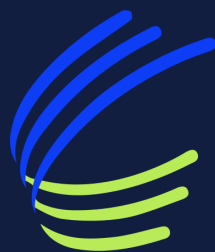
BOURDIEU, P. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 Junho 2025

BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2013

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Revista Perspectivas**, São Paulo - SP, v. 8, n. 8, p. 147-158, 2017

DIAS, T. M. Questões de gênero na Educação Física escolar: um apanhado nas zonas distritais de Rio Grande - RS. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020



GOELLNER, S. V. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.71-83, mar. 2010

HAHN, N. B.; STRÜCKER, B. Lugar de mulher é... onde ela quiser! Papéis sociais pautados no gênero e breves apontamentos sobre o feminicídio. **RDL**, Natal/RN, v. 22, n. 2, p. 193-225, maio/ago. 2020

JACÓ, J. F.; ALTMANN, H. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em Foco**, Juiz de Fora – MG, v. 22, n. 1, p. 1-26, jun. 2017

LESSA, P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, Florianópolis-SC, ano XVII, n. 24, p. 157-172, jun./2005

OLIVEIRA, C. S. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Campo Grande - MS: UFMS, 2008. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008

OLIVEIRA, M. C.; JAEGER, A. A.; ROTH, V. J. S. Estereótipos de gênero e educação física: diálogos com estudantes de ensino médio. **ARQUIVOS em MOVIMENTO**, v.15, n.1, p. 75-96, jan-jul, 2019

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p.402-413, abr./jun., 2010

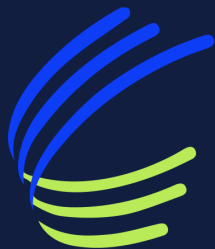
RIBEIRO, D. S.; NARDES, C. A. C.; COSTA, R. R. Como a desigualdade de gênero influencia as aulas de educação física?. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, Pindamonhagaba – SP, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2021

RIGO, G. T. Constrangimentos nas aulas de educação física: relatos de alunas do ensino médio. Porto Alegre: UFRGS, 2022. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022

ROSA, M. M. *et al.* Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo-RS, n. 1, v. 17, p. 101-117, jan./abr. 2020

SEVERINO, C. D.; GONÇALVES, F. J. M.; DARIDO, S. C. A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no município de Volta Redonda: a visão dos professores. **Motricidade**, v. 11, n. 2, pp. 36-47, 2015

SILVA, G. S. F. *et al.* Avaliação do nível de atividade física de estudantes de graduação das áreas saúde/biológica. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 39-42, jan./fev. 2007.



**XVI CONGRESSO DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA DE  
VOLTA REDONDA 2025**  
ESPORTE PARA TODA A VIDA



SILVA, P. *et al.* As relações de género no espaço da educação física - a percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto – Portugal, v. 8, n. 3, p. 396-405, 2008

SILVA, J. C. C. Meninas na educação física escolar: para elas não ficarem de fora. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, n. 1, v. 3, p. 87-96, 2018

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas-SP, ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999

ZAVATTO JUNIOR, P.; VASCONCELOS, V. Relações de género na educação física escolar: contribuições da educação popular. **Motricidades: Rev. SPQMH**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 102-114, maio/ago. 2022